

## **“PROJETO DE DANÇA”: CORPO E TECNOLOGIAS DIGITAIS EM DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES NA ESCOLA**

**LEANDRO MARTINS COSTA<sup>1</sup>**

**MARCO ANTONIO SANTORO SALVADOR<sup>2</sup>**

### **RESUMO**

Este trabalho relata uma experiência pedagógica interdisciplinar que fez uso de diversas tecnologias para qualificar o “Projeto de Dança” em uma escola pública do Rio de Janeiro. A partir do tema “50 anos da Ditadura Civil-Empresarial-Militar”, os estudantes realizaram pesquisas através da internet, bem como registros através de recursos tecnológicos, com o propósito de construir uma coreografia que retratasse artisticamente o tema. O uso destas ferramentas oportunizou ao estudante levar os seus saberes e experiências para o interior das aulas. A partir do entendimento que ação docente e pesquisa são indissociáveis, a metodologia utilizada neste relato é a pesquisa-ação, dado o envolvimento do pesquisador e dos grupos interessados, neste caso entre professor e estudantes. A avaliação deste processo foi processual e participativa. Os envolvidos no projeto que integraram a disciplina Educação Física participaram na avaliação de cada estudante, e nesse contexto, a memória construída virtualmente foi fundamental. Por entender que as tecnologias não devem concorrer com ação docente, mas dela fazer parte, entendemos ser tarefa do professor, comprometido com a transformação social, mediar o uso das tecnologias pelos estudantes, sob o risco destas, com suas ideologias de mercado, construir as suas consciências.

**Palavras-Chave: Dança; Tecnologia; Interdisciplinaridade**

### **INTRODUÇÃO**

A dança é uma expressão representativa de diversos aspectos e momentos da vida humana, em que, como linguagem social, permite ao homem transmitir sentimentos, emoções, sua cultura religiosa, do trabalho, de conflitos (COLETIVO DE AUTORES, 2012). Sua história remete os primeiros gestos ao homem primitivo, que promoviam imitações para simular acontecimentos que desejavam tornar realidade

---

<sup>1</sup> MESTRANDO DO PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM PRÁTICAS DA EDUCAÇÃO BÁSICA DO COLÉGIO PEDRO II – MPPEB/CPII-PROFESSOR DA REDE ESTADUAL DO RIO DE JANEIRO (SEEDUC/RJ); PROFESSOR DA REDE MUNICIPAL DO RIO DE JANEIRO (SME/RJ); TUTOR PRESENCIAL DO CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA NA MODALIDADE À DISTÂNCIA DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DO RIO DE JANEIRO (CEDERJ/UERJ)

<sup>2</sup> DOUTOR EM EDUCAÇÃO FÍSICA – UGF-PROFESSOR DO PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM PRÁTICAS DA EDUCAÇÃO BÁSICA DO COLÉGIO PEDRO II – MPPEB/CPII; PROFESSOR ADJUNTO DO INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR DE FORMAÇÃO HUMANA COM TECNOLOGIA DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DO RIO DE JANEIRO (IFHT/UERJ); PROFESSOR DA UNIVERSIDADE ESTÁCIO DE SÁ (UNESA)

(COLETIVO DE AUTORES, 2012; DARIDO; RANGEL, 2005), bem como demonstrar as suas qualidades físicas (OLIEVIRA, 2006)

Hoje sua importância no contexto da educação básica vai muito além dos simples ritos festivos, tal como o homem primitivo para agradecer o alimento ou como as crianças e jovens que montam uma apresentação para a comunidade escolar em celebração a alguma data comemorativa. Nesse sentido precisamos entender a dança como uma forma de linguagem que prioriza os resultados da produção do conhecimento humano e da práxis social, capazes de despertar a consciência crítica daqueles que a vivenciam (GARIBA; FRANZONI, 2007).

Ainda sobre a dança, as autoras apresentam que

nessa tessitura, a dança enquadra-se como linguagem que deve ser ensinada, aprendida e vivenciada, na medida em que favorece o desenvolvimento de vertentes cognitivas, éticas e estéticas e contribui qualitativamente para as questões da socialização e expressão. Atividades corporais advindas da expressividade, comunicação, alegria, liberdade são elementos relevantes na vida do ser humano. (GARIBA; FRANZONI, 2007, p. 159)

Tendo em vista a sua importância na cultura humana, bem como um importante espaço de comunicação, entendemos que a dança deva ser um conteúdo que perpassa toda a educação escolar, da Educação Infantil ao Ensino Médio (GASPARI, 2005), especialmente nos currículos da Educação Física.

Ademais, é cada vez mais comum a dança e o uso de tecnologias. Dos usos tecnológicos como suporte para a dança – como instrumentos musicais, passando pelos computadores capazes de produzirem sons diversos – até chegar a presença da dança híbrida ou tecnológica apresentada pela Companhia de Dança Cena 11, de Florianópolis<sup>3</sup>, em que dança e tecnologia fazem parte do mesmo corpo.

Assim, este trabalho tem por objetivo apresentar uma experiência pedagógica com o ensino médio, no interior de uma escola pública do Rio de Janeiro, situada na zona norte da capital, de um projeto interdisciplinar que tem como temática central o uso da dança para dialogar com conteúdos de relevância social (COLETIVO DE

---

<sup>3</sup> A Companhia de Dança Cena 11 “assume publicamente ser parte de uma específica da dança, na qual a tecnologia já está incorporada e é entendida como possibilidade do universo artístico.” (ABRÃO, 2007, p. 222). O uso de equipamentos como patins, braços metálicos, câmeras, projeções de slides, e tudo que possa ser uma extensão do corpo poderá ser incluído nas cenas pela Companhia.

AUTORES, 2012). O referido projeto tornou-se um evento tradicional no calendário da escola balizado no componente curricular Educação Física, mas que ao longo dos anos passou a dialogar com outras áreas do currículo, bem como a incorporar novas formas de tecnologia. Hoje a Educação Física é a disciplina articuladora deste projeto que contém diversas áreas do currículo do ensino médio.

Entretanto, em 2014 houve um momento diferenciado na história do projeto. Pela primeira vez, ampliamos como proposta pedagógica, o uso das tecnologias assumindo que qualquer equipamento poderia contribuir para o processo pedagógico que culminaria em uma coreografia. Esta proposta teve como pressupostos ampliar as formas de linguagem e comunicação do processo, bem como reconhecer as vivências dos estudantes integrando-as como conhecimento relevante ao processo coletivo.

Várias formas de tecnologia fizeram parte do projeto. Das pesquisas feitas sobre a temática na internet, incluindo nestas, investigações conceituais sobre assunto, bem como o repertório musical que dialogasse com o tema, passando pelos registros de vídeo na construção de tutoriais, onde os mesmos eram socializados em perfis fechados de redes sociais para estudos, até debates e deliberações virtuais através de redes sociais.

A relevância da proposta caracteriza-se pela articulação de diversas linguagens – oral, corporal, virtual – na produção do conhecimento que tem o jovem como centro do processo. A autonomia dada ao estudante é condição primária por entender que este não é apenas objeto da sua própria história, mas, sobretudo, sujeito dela (FREIRE, 1996). Nesse sentido, a relação do estudante com o processo de ensino e aprendizagem torna-se mais agradável e interessante, proporcionando experiências em que ele se sinta parte do mesmo, promovendo uma relação de sentido entre o estudante e o objeto do conhecimento.

## EMBASAMENTO TEÓRICO – A PRÁXIS COMO FUNDAMENTAÇÃO DO PROJETO

Entendemos como práxis “a reflexão e ação dos homens sobre o mundo para transformá-lo” (FREIRE, 2005, p.42), portanto toda a ação promovida no projeto é também conceitual, e busca levar o estudante a criticar o cotidiano que o cerca. E o ano

de 2014 foi emblemático, pois utilizamos como temática do projeto os “50 anos do Golpe-Civil-Empresarial-Militar<sup>4</sup>”. Um tema interdisciplinar (FAZENDA, 2001), que envolveu os seguintes componentes curriculares: Educação Física, Sociologia, História, Geografia e Língua Portuguesa, além da Animação Cultural<sup>5</sup>.

A proposta foi complexa, sobretudo porque assumimos que a turma – de ensino médio – não seria dividida em grupos, ela seria o próprio grupo. Com isso, tivemos um grupo de aproximadamente trinta e cinco estudantes, por turma, trabalhando em um mesmo projeto de forma autônoma, pois a presença do professor foi para que a sua autoridade pudesse proporcionar aos estudantes a

dialocidade verdadeira, em que os sujeitos dialógicos aprendem e crescem na diferença, sobretudo, no respeito a ela, é a forma de estar sendo coerentemente exigida por seres que, inacabados, assumindo-se como tais, se tornam radicalmente éticos. (FREIRE, 1996, p. 60)

Iniciamos fazendo a eleição entre os estudantes, em cada turma, de uma comissão pedagógica, composta de quatro ou cinco integrantes, dependendo da quantidade de estudantes da turma. Esta comissão teve como responsabilidade organizar, acompanhar, deliberar junto ao grupo, fazer a mediação da turma com o professor, mas com a clareza de que este é um processo coletivo.

Após, demos início à pesquisa do tema e das músicas relativas ao mesmo. Entendemos que a pesquisa deve ser base metodológica da educação escolar para rompermos com o paradigma da reprodução. Demo (2007) nos apresenta que a educação pela pesquisa tem por objetivo estimular a pesquisa ao estudante, “dentro do seu estágio social e intelectual, para que este possa ser um parceiro do trabalho, ativo, participativo, produtivo, reconstrutivo, para que possa fazer e fazer-se oportunidade” (p.15)

Para tanto, os estudantes se utilizaram da internet para a pesquisa e para o debate sobre a escolha da música. Cada turma já possuía o seu perfil no *facebook*, em que

---

<sup>4</sup> Aqui consideramos a nomenclatura utilizada pelo “Coletivo Mais Verdade” – grupo de pesquisadores do período ditatorial brasileiro – para adjetivar as forças que comandaram o golpe de Estado brasileiro em 1964. Ver mais em <https://www.facebook.com/maisverdade>.

<sup>5</sup> Proposta criada por Darcy Ribeiro, em parceria com Cecília Conde, na gestão do ex-governador do Rio de Janeiro Leonel Brizola durante a implementação dos Centros Integrados de Educação Pública – CIEPs – ao longo da década de 1980, o programa de Animação Cultural tem como propósito reconhecer os saberes produzidos por artistas populares moradores de áreas próximas aos CIEPs, com a perspectiva que cultura popular faça parte do cotidiano das escolas deste Estado (CHAGAS, 2012).

solicitamos entrada para acompanhar e auxiliar todo o processo. Para Prensky (2010), a tecnologia deve apoiar o estudante a ensinar a si mesmo, e não fomentar o velho paradigma da exposição.

O *facebook* também foi usado como um acervo da memória construída por eles ao longo do processo, não apenas como fonte de consulta, mas também como construção da identidade coletiva da turma. Nele os estudantes puderam armazenar os diversos momentos que fizeram parte da construção do processo da turma, tais como: os tipos de pesquisa (áudio, vídeos, textos); registros dos ensaios; saídas para aquisição de materiais; entrevista com pessoas que fizeram parte do processo (amigos de outras turmas, professores, responsáveis, costureiras, vendedores, etc).

Entendemos que a tecnologia deve estar a serviço do processo pedagógico. Não estamos aqui dizendo que o professor deve ficar refém dela, tampouco fazer guerra contra ela, mas é necessário assumirmos o nosso papel diante das formas de apropriação que estas fazem das consciências dos nossos estudantes (LIBÂNEO, 2006).

Inserir-se na sociedade da informação não quer dizer apenas ter acesso à tecnologia de informação e comunicação (TIC), mas principalmente saber utilizar essa tecnologia para a busca e a seleção de informações que permitam a cada pessoa resolver os problemas do cotidiano, compreender o mundo e atuar na transformação de seu contexto. Assim, o uso da TIC com vistas à criação de uma rede de conhecimentos favorece a democratização do acesso à informação, a troca de informações e experiências, a compreensão crítica da realidade e o desenvolvimento humano, social, cultural e educacional. Tudo isso poderá levar à criação de uma sociedade mais justa e igualitária. (ALMEIDA, 2005, p. 71)

Escolhida a música e encerrada a primeira fase da pesquisa sobre o tema, eles registraram a(s) música(s) no perfil da turma no *facebook*, e posteriormente iniciaram os ensaios e as pesquisas corporais.

Estas também foram feitas com o auxílio da internet. Foi exigido que o processo fosse inédito na sua maior parte, ou seja, eles poderiam pesquisar referenciais de dança/coreografia, mas não poderiam usar na íntegra o que havia na *web*. Este é mais um momento em que o *facebook* é uma ferramenta utilizada para ampliar o debate.

Foi permitido também que eles fizessem pesquisas com outras pessoas, por exemplo, professores de dança, bailarinos, que por ventura eles tivessem contato. Mas

assim como a pesquisa da internet, essas pessoas só puderam colaborar, e não assumir a construção da coreografia. Elas foram tratadas como mais uma fonte de pesquisa.

O calendário não permitiu que os ensaios fossem feitos apenas nas aulas de Educação Física, obrigando que a comissão estabelecesse um calendário paralelo que chamamos de “ensaios extras”. Eles fizeram uso de tempos vagos fixos em suas grades.

Conforme eram construídas as frases coreográficas, foram feitos tutoriais disponibilizados no perfil da turma no *facebook*, para que aqueles com mais dificuldades pudessem estudar em casa, e assim poderiam chegar aos ensaios melhor preparados. Esta proposta nos oportuniza a construir uma avaliação formativa, como propõe Zabala (1998), em que esta tem como características “acompanhar a modificação e a melhora contínua dos estudantes” (p200). Para tanto, a cada semana fazíamos a avaliação da evolução do processo criativo da turma e de cada estudante.

Ao longo do processo, fizemos registros através de fotos e vídeos, desde os primeiros ensaios, para que os estudantes pudessem ter este material registrado fazendo com que eles se sentissem ainda mais sujeitos deste processo.

Os ensaios aconteceram até a aula véspera do Festival de Dança. Nesta aula fizemos o registro em vídeo de três passagens como forma de avaliação do processo. Tais passagens foram assistidas junto com a turma com ajuda de um computador para que pudéssemos identificar os pontos de avaliação e assim fazermos ajustes para a apresentação final no Festival.

Por entendermos a avaliação como processo, a apresentação no Festival possuiu uma valoração a parte, menor que a processual fechada na aula anterior. Assim como durante a avaliação processual, foi feito o registro da apresentação do Festival de cada turma e disponibilizada nos respectivos perfis no *facebook*, para que eles pudessem ter acesso ao que produziram.

A avaliação do processo para a construção da coreografia foi feita a partir de um documento (Apêndice 1) que prevê a avaliação do professor, a autoavaliação e avaliação da turma. Todas as avaliações possuem o mesmo valor aritmético, ou seja, o valor que o professor atribui à nota do estudante tem o mesmo valor que ele atribuiu a si mesmo e o mesmo peso que a média de um conjunto de três companheiros de turma também o fez.

Esta forma de avaliar vai ao encontro do que Demo (2008) classifica como “avaliação qualitativa”. A participação das pessoas neste processo deve ser um pressuposto, pois é ela que dá “qualidade política” à avaliação qualitativa. Para o autor,

o que esta em jogo na avaliação qualitativa é principalmente a “qualidade política”, ou seja, a arte da comunidade de autogerir-se, a criatividade cultural que demonstra em sua história e espera para o futuro, a capacidade de inventar seu próprio espaço, forjando a sua autodefinição, sua autodeterminação, sua autopromoção, dentro dos condicionantes objetivos. (p. 18)

O anúncio do resultado final é apresentado aos estudantes a partir dos critérios de avaliação com abertura para quaisquer questionamentos advindos deste processo.

## METODOLOGIA DO TRABALHO

Este trabalho foi construído a partir do cotidiano das aulas de Educação Física, inseridas em um projeto interdisciplinar chamado de “Projeto Dança”, em uma escola da rede estadual do Rio de Janeiro. Realizada com jovens do 3º ano do ensino médio, sua intenção foi aproximar as tecnologias digitais do trabalho corporal, aqui representado pela dança.

O relato possuiu um caráter metodológico qualitativo. Entendendo que ação docente e pesquisa são indissociáveis, e que a pesquisa-ação é dada pelo envolvimento do pesquisador e dos grupos interessados (GIL, 2010), entre professor e estudantes, este trabalho pretende demonstrar o protagonismo dos estudantes no processo de ensino e aprendizagem, orientados pela mediação do professor.

Para tanto, assume as dez características apontadas por Tripp (2005) de uma pesquisa-ação, a saber: “inovação; contínua; pró-ativa estrategicamente; participativa; intervencionista; problematizada; deliberada; documentada; compreendida; disseminada” (p. 447).

## CONCLUSÕES

Este processo oportunizou aos estudantes um espaço de construção de autonomia para que desenvolvessem os seus conhecimentos a partir de suas experiências e aprendizagens prévias, bem como pelas propostas pelo projeto. Da sua concepção até a sua finalização, os estudantes tiveram presente durante todo o tempo.

Da escolha do tema – momento em que propomos e ouvimos as sugestões ao longo do primeiro semestre letivo –, até a avaliação – onde eles puderam se autoavaliar e avaliar cada companheiro de turma – os estudantes foram agentes do seu próprio conhecimento.

O uso de equipamentos do cotidiano dos estudantes passou a ter caráter pedagógico. O telefone móvel, munido de captação de áudio e vídeo, foi importante ferramenta para os registros ao longo do projeto. Ele reconheceu que aquele equipamento pode ser uma ferramenta pedagógica importante no seu processo de ensino e aprendizagem.

A pesquisa das músicas e seus contextos, a manipulação de *softwares* para baixar e editar as músicas, as pesquisas corporais pelos canais da web, foram formas de navegar com um propósito prático, capaz de construir conhecimento para transformar a sua própria realidade.

A TIC, aqui representada pelo *facebook*, avançou do entretenimento para uma interação propositiva. Através dela, os estudantes foram capazes de: construir tutoriais de estudo para que aqueles com mais dificuldade pudessem estudar a coreografia; ampliaram os debates necessários para a construção coletiva para além dos muros da escola; construiu-se a memória da turma ao longo do processo, condição para que eles se reconhecessem como sujeitos da sua própria história.

Esta memória foi fundamental para justificar os critérios adotados pelos estudantes no momento do preenchimento da avaliação. Reconhecendo a subjetividade da ação avaliativa de todos os envolvidos, a memória construída ao longo do processo e registrada no *facebook*, foi fundamental para que todos os envolvidos pudessem ter mais clareza da contribuição de cada um no processo.

Este é um projeto que há muitos anos está integrado ao calendário pedagógico da escola, mas em nenhum momento teve uma intervenção tão significativa de diversas tecnologias como no ano de 2014. Consideramos que a inserção de tais ferramentas foram essenciais para qualificar o projeto, bem como para aproximar os estudantes do processo de ensino e aprendizagem a partir das suas experiências com as tecnologias.

Dança e tecnologia são formas de linguagem que se somam na perspectiva de comunicar artisticamente. A dança há muitos anos já se utiliza das inúmeras formas de tecnologia para viabilizar, ampliar e qualificar a sua comunicação. Desde os

instrumentos mais rústicos até a computação gráfica, a dança tem nas diversas tecnologias verdadeiras parceiras. Entretanto, cada vez mais as tecnologias assumem o protagonismo na cena dançante, dividindo espaço com o próprio corpo, este outrora detentor de toda expressividade no ato de dançar.

Proporcional ao avanço das tecnologias é a apropriação destas pelas redes de consumo, portanto deve ser uma tarefa do professor interessado em transformar o padrão de relação da sociedade, auxiliar o estudante nos usos das tecnologias, especialmente as virtuais.

É necessário compreendermos que as tecnologias não devem concorrer com a ação docente, mas dela fazer parte. É importante para dialogarmos com a cultura jovem, assim aproximarmos o estudante da escola. Entendemos que acompanharmos as mudanças sociais no que tange as relações humanas através das TICs, assim como introduzir outras formas de tecnologia como novas ferramentas pedagógicas, deve ser uma tarefa do professor.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria Elizabeth Bianconcini de. Tecnologia na escola: criação de redes de conhecimentos. In: Secretaria de Educação a Distância. **Integração das Tecnologias na Educação**. Brasília: Seed, 2005 Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seed/arquivos/pdf/2sf.pdf>>. Acesso em: 11 de out. 2014.

CHAGAS, Marcos Antônio Macedo das. **Animação cultural**: uma inovação na escola pública fluminense dos anos 1980. Rio de Janeiro: UERJ, 2012. 185 p. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2012.

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do Ensino em Educação Física**. São Paulo: Cortez, 2012.

DARIDO, Suraya Cristina; RANGEL, Irene Conceição Andrade. **Educação Física na escola**: implicações para a prática pedagógica. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005.

DEMO, Pedro. **Educar pela pesquisa**. 8ª ed. Campinas: Autores Associados, 2007.

\_\_\_\_\_. **Avaliação Qualitativa**. 9ª ed. Campinas: Autores Associados, 2008.

FAZENDA, Ivani Catarina Arantes. **Práticas Interdisciplinares na escola**. 8ª Ed. São Paulo: Cortez, 2001.

Revista Tecnologias na Educação – Ano 7 - número 13 – Dezembro 2015 -<http://tecnologiasnaeducacao.pro.br/>

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Editora Paz e Terra, 1996.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia do Oprimido.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

GARIBA, Chames Maria Stalliviere; FRANZONI, Ana. Dança escolar: uma possibilidade na Educação Física. **Movimento**, Porto Alegre, v. 13, n. 2, p. 155-171, abr. 2008. Disponível em: <<http://www.seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/3553>>. Acesso em: 12 dez. 2014.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 5ª ed. São Paulo: Atlas, 2010.

LIBÂNEO, José Carlos. Cultura jovem, mídias e escola: o que muda no trabalho dos professores? **Educativa**, Goiânia, v.9, n.1, p. 25-46, jan/jun. 2006. Disponível em: <[seer.ucg.br/index.php/educativa/article/view/73](http://seer.ucg.br/index.php/educativa/article/view/73)>. Acesso em 13 dez. 2014.

OLIVEIRA, Vitor Marinho de. **O que é Educação Física.** São Paulo: Brasiliense, 2006.

PRENSKY, Marc. O papel da tecnologia no ensino e na sala de aula. **Conjectura**, Caxias do Sul, v.15, n. 2, p. 201-204, mai/ago. 2010. Disponível em: <<http://www.uces.br/etc/revistas/index.php/conjectura/article/viewFile/335/289>>. Acesso em: 13 dez. 2014.

TRIPP, David. Pesquisa-ação: uma introdução metodológica. **Educação e Pesquisa**., São Paulo, v. 31, n. 3, dez. 2005. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1517-97022005000300009&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022005000300009&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 14 fev. 2015.

ZABALA, Antoni. **A prática educativa: como ensinar.** Tradução: Ernani F. da F. Rosa. Porto Alegre: Artmed, 1998.

**APÊNDICE 1**  
**AVALIAÇÃO DO PROJETO DE DANÇA – EDUCAÇÃO FÍSICA 2014**  
**TURMA 3008**

Nome/Número: \_\_\_\_\_/\_\_\_\_\_

Professor: \_\_\_\_\_

Este documento é parte integrante da avaliação do 3º bimestre (Projeto Dança), e corresponde a um total de cinco pontos. Ele contém as avaliações feitas pelo professor, por você (autoavaliação) e a sua avaliação sobre os/as demais companheiros/as de turma. Você deverá se autoavaliar e avaliar a turma numa escala de 0 a 10 pontos.

Como resultado da coluna “nota para o/a companheiro/a” o professor escolherá três notas atribuídas a você por companheiros/as da turma, tendo assim uma média destes para o seu desempenho ao longo do período. Esta escolha será a partir da redistribuição dos nomes nos números desta lista por critério já decidido pelo professor, e que será divulgado logo após o preenchimento por vocês. Mas para isso você deve indicar três números compreendidos dentro desta lista. Escolha aqui! (\_\_\_\_,\_\_\_\_,\_\_\_\_)

Após o preenchimento do documento por você o professor fará uma média aritmética das três avaliações. Ao final, o resultado será dividido por dois, uma vez que a escala usada é de zero a dez, mas o documento vale de zero a cinco pontos.

Nº	Estudantes	Avaliação Professor (0 a 10)	Autoavaliação (0 a 10)	Nota para o/a companheiro/a (0 a 10)
1	Fulano C. S			
2	Ciclano A. F			
3	Beltrano S. D			
	Totais			
	Nota Final			

**Recebido em setembro 2015**

**Aprovado em Novembro 2015**